

JESUS CRISTO, SÃO PEDRO E O LADRÃO



Jesus Cristo, São Pedro e o Ladrão

Jesus Cristo andou no mundo
Ensinando aos malfetores,
Com exemplos e milagres,
Convertendo os traidores,
Por fim inda deu a vida,
Em favor dos pecadores.

Os seus exemplos nos chegam
Através da sua glória,
Onde muitos malfetores
Inda alcançaram a vitória,
Como êsse que eu conto
Nessa pequenina história.

Jesus fêz uma viagem
Com São Pedro um certo dia
Por necessidade entraram
Numa grande travessia,
Para salvar um ladrão
Que só para o mal vivia

Mas São Pedro ignorava
O que ia acontecer,
Porque Jesus não lhe disse
Para êle não temer,
No meio da travessia
Começou escurecer.



São Pedro tremendo disse:
— Estou morrendo de fome,
Muito cansado e com sede,
Só o medo me consome,
Se não surgir uma casa,
A onça hoje nos come.

Jesus disse: — A tua fome
Muito breve terá fim;
“Oh! homem de pouca fé”
Porque és tão fraco assim?
Estás tão desanimado,
Que não tens fé nem em mim?”

Porém, adiante viram
Uma casinha surgir,
São Pedro disse: Eu não posso,
Assim de noite seguir,
Vou ficar naquela casa
Para comer e dormir.

Jesus disse: Eu vou também;
Para casinha marcharam,
Lá foram bem recebidos,
Boa comida jantaram,
E depois em boas rédes
Todos dois se agasalharam.

Aqui vou fazer um ponto
Para poder explicar,
Que o dono dessa casa
Vivia de hospedar,
Quem passava na estrada
Para matar e roubar,

De madrugada saia
Muito adiante esperava
Em um pé de baraúna
Quando o seu hóspede passava,
Ele com um bacamarte
Com um só tiro matava.

Depois que roubava tudo,
O cadáver conduzia,
Enterrava muito perto,
Num cemitério que havia
E chamava de "caçada"
Tão grande selvageria.

Na noite em que Jesus
Com São Pedro fêz pousada,
Na casa deste assassino,
Ele foi de madrugada
E ficou na baraúna
Botando a sua emboscada.

Jesus acordou-se cedo
E por São Pedro chamou,
Despediu-se da mulher,
Pelo homem perguntou,
Ela disse: O meu marido
Muito cedo viajou.

Foi fazer uma "caçada"
Só à tarde vem chegando;
Jesus Cristo que sabia,
Onde ele estava esperando,
Agradeceu à mulher
Com São Pedro foi andando.

Mas adiante avistaram,
Ele lá de prontidão,
Por detrás da baraúna,
Com o bacamarte na mão,
São Pedro disse: Senhor
Acolá tem um ladrão.

Para frente eu não vou mais,
Pelo que lá estou vendo,
Já sinto o sangue fugindo
E o coração já morrendo,
A vista ficando escura
E todo corpo tremendo.

Jesus disse: Vamos Pedro,
Deixe de tanto pavor,
Lá estou vendo um cavalo
E não um salteador,
Me diz onde está a fé
Que tens em teu Criador?

São Pedro disse: É verdade,
A fé vale em tôda parte,
Porém um ladrão daquele
Atira com muita arte
E fé não livra ninguém
Da boca dum bacamarte.

Jesus disse: Mas ali,
Não vejo nenhum ladrão
Saiu puxando São Pedro
Pegado por u'a mão
São Pedro fazendo fôrça
Enterrando os pés no chão.

De fato quando chegaram,
No canto tinha um cavalo,
O ladrão foi transformado,
Sem sentir nenhum abalo,
Jesus disse: Este animal,
Agora vamos levá-lo.

Vá ali corta um cipó,
Faz um cabresto ligeiro,
Que vamos os dois montados,
Porém eu monto primeiro,
Na frente e você atrás
Na garupa do sendeiro.

São Pedro fêz o mandado,
Depois os dois se montaram
O cavalo era possante,
Todo o dia viajaram.
As cinco e meia da tarde,
Em um engenho chegaram.

Era tempo de moagem,
No engenho "Canta Galo",
Quando o proprietario
Foi avistando o cavalo,
Bonito, gordo e possante,
Ficou doido pra comprá-lo.

Falou a compra a Jesus,
Porém Jesus disse: Não!
Lhe alugo por um ano,
Se o senhor tem precisão,
Por cinco contos de réis
Por menos nem um tostão.

O homem pensou consigo:
— O aluguel é barato
Porque o cavalo é gordo,
Não precisa muito trato,
No meu carrêgo de cana,
Ele vai pagar o pato.

Disse a Jesus: Eu aceito
Seu negócio alviçareiro,
Jesus disse: Com um ano,
A quinze de Fevereiro,
Venho buscar o cavalo
E receber o dinheiro.

Assim Jesus entregou
O cavalo e foi embora;
São Pedro com muita raiva,
Por que ia a pés agora,
Era andando e reclamando,
Todo dia e tôda hora,

O senhor de engenho cá
Pôs o cavalo na cana,
Debaixo duma cangalha,
Sete dias na semana,
Correndo de dia à noite,
Numa vida desumana,

No praso Jesus chegou,
O cavalo estava em pó
Todo arranhado e ferido,
Que quem visse tinha dó,
Magro que só um gravêto
E a barriga dando nó.

O senhor de engenho disse;
— Me venda agora o cavalo;
Jesus disse: Não senhor!
Agora eu vou levá-lo,
Tratar os seus ferimentos,
Para depois engordá-lo

Jesus pegou o cavalo
E recebeu o dinheiro,
Se despedindo do homem,
Montou-se muito ligeiro,
Pôs São Pedro na garupa,
Viajaram o dia inteiro.

Mais ou menos às seis horas
No mesmo canto chegaram,
Debaixo da baráúna,
Lá o cavalo deixaram,
Seguiram e na mesma casa
Do ladrão se hospedaram.

Estava a mulher de luto
Vendo Jesus conheceu,
Disse: Hoje faz um ano
Que meu marido morreu,
Foi "caçar" de madrugada,
Por lá desapareceu.

Jesus disse: O seu marido
Graças a Deus está vivo,
Pelos crimes praticados,
Passou um ano cativo;
Nisso ele entrou em casa
Muito triste e pensativo.

Viu Jesus e lembrou
Sua sentença tirana
De passar um ano inteiro
Sem a sua forma humana,
Transformado num cavalo
E mais carregando cana,

No outro dia Jesus.
Saiu do seu agasalho,
Chamou o ladrão e disse:
— Seu esforço não foi falho,
Eis aqui o seu dinheiro
O fruto do seu trabalho.

Receba seus cinco contos
E vá trabalhar com gosto
Que é no trabalho honesto
Onde o homem acha encôsto,
Coma o seu pão honrado
Com o suor do seu rosto.

Disse isso e despediu-se,
Com São Pedro viajou,
O ladrão foi trabalhar,
Como Jesus ordenou,
Nunca mais roubou ninguém
Até que Deus o chamou.

Aqui se prova que o roubo
Leva o homem à desventura;
Muito sofre quem não deixa
Esta vida de amargura,
Isto só faz quem entende
Deus dá a quem se arrepende:
A eternidade pura, FIM

A Afilhada da Virgem da Conceição

Eu peço a quem fôr ateu
Protestante e feiticeiro
Dê um fora enquanto eu leio
Este caso verdadeiro
Porque quem não crêr em Deus
Só acredita em dinheiro.

Esta história é p'ra quem
Tem muita fé em Jesus
Quem crêr na Virgem Maria
E dá crença a santa luz
Quem valoriza os mistérios
Da divina santa cruz,

Este fato é importante
Para quem crêr na verdade
Ouve missa e se confessa
Esquece a perversidade
E crêr nos santos poderes
Da Santíssima Trindade.

Isto foi no Piauí
No ano setenta e sete
Quando houve a grande fome
Que chamavam «canivete»
Pois até mesmo no rico
A crise deu um bofete.

Nesse tempo lá morava
O Barão Afonso Bento
Que era senhor de engenho
Homem de muito talento
Tinha um filho que era
Um ateu sanguinolento.

Era chamado Pompeu
Amava a perversidade
Morreu-lhe o pai de repente
Ele ficou à vontade
Tomou conta do engenho
Com tôda propriedade.

Pompeu se vendo por dono
Daquela grande riqueza
Matava gente a seu gôsto
Com orgulho e malvadeza
Pois só assim saciava
Seu instinto de torpeza.

P'ra fazer barbaridade
Era êsse seu assunto
Parecia que o diabo
Vivia dêle bem junto
De quem êle tinha raiva
Já se chamava: defunto.

Se alguém falava em Deus
Caía na maior falha
Pompeu dizia com ódio:
— Êsse Deus é um canalha
E queimava o pobre vivo
Lá no fogo da fornalha.

Agora mudo de assunto
Porque tenho precisão
Para falar de u'a môça
Que tinha uma devoção
Corina, que adorava
A Virgem da Conceição.

Porque essa santa era
A madrinha de Corina
A môça sempre rogava
Qu'ela como Mão Divina
Lhe protegesse na vida
E desse uma boa sina.

Os seus pais morreram à fome
Naquela crise mesquinha
Ela escapou por milagre
Talvez, de sua madrinha
Não tendo de que viver
Saiu no mundo sòzinha.

Ela seguiu sem destino
Pra ver se salvava a vida
Só levava o socorro
De Maria Concebida
Que acompanhava a ela
Como mãe compadecida.

Comia p'ra não morrer
Raízes de pau já sêco
Não encontrava ninguém
Porque o tempo era pêco
O que não tinha morrido
Tinha quebrado no beco.

Corina muito animada
Seguiu a sua viagem
Passava nas travéssias
Com muita fé e coragem
Sempre esperando encontrar
Na vida alguma vantagem

Um dia ao anoitecer
De longe ela conheceu
Que avistava uma casa
Era o engenho do ateu
Ela dormiu na porteira
Do cercado de Pompeu.

Quando foi no outro dia
Ela bateu no portão
Pompeu saiu a janela
Corina disse: patrão
Peço-lhe uma esmola em nome
Da Virgem da Conceição.

Pompeu disse: Peregrina
O que é que você quer?
Vem me interromper com cousa
Que p'ra mim não tem mister
Essa tal de Conceição
Onde mora essa mulher?

Corina disse: Senhor
Abrande este coração
Estou pedindo a esmola
Porque tenho precisão
Peço no nome sagrado
Da Virgem da Conceição.

Pompeu disse a dois capangas
Ali mesmo da janela:
Me levem esta mulher
Que hoje eu preciso dela
Eu vou já para a fomalha
Dá a Conceição a ela.

Corina naquela hora
Dali saiu agarrada
Para a boca da fomalha
Levaram ela arrastada
Lá só esperava o monstro
P'ra ser no fogo queimada.

Pompeu chegou foi dizendo:
— Tua sorte eu arrenego
Te vale de Conceição
Porque agora eu te pego
Vais te acabar igualmente
Pão doce em boca de cego.

O que crer nessa ilusão
Com ele eu faço um jogo
Pego e boto na fomalha
Não há pedido nem rôgo
E Conceição se eu pegasse
Jogava dentro do fogo.

Corina se pôs de joelho
Fêz a sua petição:
— Valei-me Mãe Dolorosa
Tendes de mim compaixão
Peço pelos nove meses
Da Divina Encarnação.

Vos peço a vossa defesa
Oh! Virgem da Conceição
Pelas lagrimas derramadas
Por Jesus em aflição
Pelas dores que cravaram
Vosso Santo Coração.

Pompeu deu uma risada
Quando Corina acabou
Pegou-a com toda fôrça
Dentro do fogo jogou
Ela caiu na fomalha
Todo fogo se apagou.

Pompeu disse: o que é isto?
Agora a cousa danou-se
Aquele catimbozeira
Nem um cabelo queimou-se
O bagaço está molhado
Por isto o fogo apagou-se.

Tragam ela pra moenda
Que agora eu vou moê-la
Eu acelero o motor
Que é para derretê-la
O santo que tiver fôrça
Venha para defendê-la

Corina disse: senhor
Tenha de mim compaixão
Veja que está errado
Com seu brutal coração
O senhor morre e não póde
Com a Virgem da Conceição

Pompeu disse: esta canalha
É bêsta ou então maluca
A Conceição não te yale
Porque Pompeu te machuca
Eu vou te mostrar agora
Tampa p'ra tua combuca.

Pompeu agarrou Corina
Quando chegou na moenda
Jogou-a dentro dos eixos
Com uma vingança horrenda
Quando ela caiu ouviram
Uma zuada tremenda.

Pompeu disse satisfeito:
— Ninguém me critica mais
Vá tire o bagaço dela
Ele disse a um rapaz
Estavam os eixos moendo
Porém eram para trás.

E Corina estava viva
Não levou um arranhão
Quando o rapaz avistou-a
Disse assombrado: patrão
Venha olhar o milagre
Da Virgem da Conceição.

O rapaz tirou Corina
Mas quando Pompeu a viu
Chegou-lhe o arrependimento
Que ele não resistiu
Com um ataque assombrado
Pendeu, tombou e caiu.

Corina apanhou Pompeu
Botou-o no colo arquejando
Trouxeram então muitas ervas
No nariz dele passando
Que com uns quinze minutos
Ele ia melhorando.

Quando êle voltou a si
Que a Corina avistou
Se achava no colo dela
No seus pés se ajoelhou
Pedindo que perdoasse
O que êle praticou.

Corina então perdoou
De todo o seu coração
Êle disse agora eu creio
Na Virgem da Conceição
Agora eu vou adorá-la
Para ter a salvação.

Êle fêz uma capela
Naquela povoação
Trocou a Divina Imagem
Da Virgem da Conceição
Trouxe-a debaixo de festa
Numa linda procissão.

Pompeu foi disse á Corina
Eu p'ra pagar o que fiz
Só me casando contigo
Corina aceitá-lo quis
Casaram-se na paz de Deus
Pompeu foi viver feliz. FIM

7168

Já estão à venda as hilariantes historias que
satisfará ao mais exigente leitor!

De MANOEL D'ALMEIDA FILHO:

- “O Poder da Caridade”
- “A Mulher que não negava o amor de Deus”
- “Jesus e S. Pedro na casa dos Pobres”
- “A Afilhada da Virgem da Conceição”
- «A Beata Santa, ou o falso Cristo»
- «O Exemplo de um Servo de Deus»
- «O pai que quiz casar com a Filha»

De RODOLFO COELHO CAVALCANTE:

- «O Homem que virou Mulher»
- «Anedotas e Proezas de Bocage»
- «A Moça que virou Cavallo»

De ANTONIO ALVES DA SILVA:

- «Maria Besta Sabida»
- «O Principe Perdido no Deserto»
- «Clarindo, o Mascate Endiabrado»
- «A Encruzilhada do Amor»
- «As Palhaçadas de João Errado»
- «Os Quatro Amigos Valentes»
- «Entre o Amor e o Perigo»
- «Amor de um Principe Valente»

De AUGUSTO FERRALUSO:

- «Sacrificio de Mãe»
- «Amor, Ciume e Loucura»
- «A Historia da Princeza Corina»
- «A Tragedia Brutal»
- «O Socio do Diabo»

De VALERIANO FELIX DOS SANTOS:

- «A Mulher que se Casou Dezoito Vezes»

À venda com descontos especiais para Revendedores na TIPOGRAFIA E LIVRARIA BAHIANA —
Pr. José de Alencar, 19, (Pelourinho) - Salvador-Bahia

Leia e propague: MODINHA -REVISTA - Uma revista de modinhas?

SNB